

A EVASÃO DOS PROFESSORES DAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PIRAPORA–MG: UMA ANÁLISE.

MÁRCIO ANTÔNIO SILVA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES).

Resumo

O presente texto tem como objetivo discutir e analisar a evasão dos professores de turmas de alfabetização que vem ocorrendo nas escolas da rede municipal de ensino de Pirapora–MG. Neste sentido, foi realizada uma pesquisa exploratória em cinco escolas municipais com 60 professores que atuam nas quatro primeiras séries do ensino fundamental. Foi solicitado dos professores que manifestassem a sua opinião por escrito destacando os motivos pelos quais de maneira geral, os professores mais experientes não querem atuar em turmas de alfabetização nas respectivas escolas. Com base no material produzido pelos professores foram organizadas quatro categorias de análise: o desgaste físico e emocional dos professores; a falta de apoio de profissionais de outras áreas do conhecimento nas escolas; a desvalorização profissional e a dupla jornada de trabalho e a aposentadoria como expectativa de término da profissão. Os resultados desta pesquisa destacam um conjunto de fatores estruturais na rede que concorrem para que os professores, abandonem as classes de alfabetização. Sinalizam também que são os professores iniciantes e sem experiências que vão assumir o processo de alfabetização, apresentando indícios da origem do fracasso escolar nesta fase do ensino. Aponta também que a discussão do fracasso na alfabetização não passa somente pela questão dos métodos, formação de professores amplamente divulgados na mídia e programas de governo. Conclui, com um alerta, que a alfabetização é questão de política pública, e que, não houver do gestor municipal uma de continuidade nas ações e valorização profissional para que os professores queiram atuar no processo de alfabetização, no futuro os resultados serão drásticos para a qualidade do ensino na rede municipal de Pirapora–MG.

Palavras-chave:

alfabetização, evasão de professores, políticas públicas.

A evasão dos professores das classes de alfabetização nas escolas municipais de Pirapora-MG: uma análise.

Iniciamos este texto trazendo algumas reflexões críticas sobre a evasão dos professores das classes de alfabetização de crianças do ensino básico, da rede municipal de ensino de Pirapora-MG. Levando em conta que os resultados do Sistema de Avaliação Educação Básica [SAEB], bem como do Sistema Mineiro de Avaliação do Ensino [SIMAVE], têm preocupado pesquisadores, professores e pais de alunos, revigorando as discussões acerca dos métodos de alfabetização, o nosso objetivo é refletir sobre a evasão de professores das turmas de alfabetização.

Com este propósito, foi realizada uma pesquisa de opinião com 60 professores de cinco escolas da rede municipal de ensino de Pirapora-MG. Solicitou-se que eles manifestassem, por escrito, os motivos pelos quais os professores, de um modo geral evitam atuar em classes de alfabetização. Para melhor viabilizar a análise e reflexão sobre o tema, as respostas foram organizadas em quatro categorias, a saber: o desgaste emocional e avaliação; a falta de apoio de profissionais especializados de outras áreas do conhecimento; a falta de uma política pública salarial de valorização de profissional e a expectativa da aposentadoria. Os extratos dos textos produzidos pelos professores são identificados no texto como depoimento [D] seguido da seqüência numérica 1, 2 [...] até 60. No entanto, apenas alguns depoimentos foram selecionados, para fins de discussão e análise nesse estudo.

Como ponto de partida, fizemos alguns questionamentos iniciais:

De um modo geral, por que os professores que já trabalharam no processo de alfabetização inicial e que poderiam contribuir com o conhecimento adquirido nessa fase de ensino abandonam e evitam atuar nas classes de alfabetização? Quais as repercussões para o aprendizado das crianças no processo inicial de alfabetização, tendo em vista a falta de uma política pública salarial de valorização do professor?

Nesta linha de pensamento, analisaremos as quatro categorias, que, na visão dos envolvidos, constituem aspectos responsáveis pela evasão dos professores de turmas de alfabetização, e quiçá alguns dos determinantes dos problemas de aprendizagem das crianças nas séries iniciais de alfabetização.

O DESGASTE FÍSICO E EMOCIONAL DO PROFESSOR: dos lamentos e queixas ao silêncio.

A alfabetização de crianças, como um processo complexo e que requer *exclusividade* dos professores, pode acarretar, para esses profissionais, o surgimento de problemas emocionais. A cobrança e exigência por resultados no que dizem respeito à aprendizagem das crianças, as pressões do sistema, dos pais e dos seus pares desenvolvem um elevado nível de tensão, e o medo e a insegurança começam a afetar o lado emocional do professor. Assim, com o exaustivo trabalho nas classes de alfabetização, é impossível que professores não desenvolvam *stress*.

A alfabetização é desgastante, pois requer do professor disponibilidade, dedicação, compromisso, amor à profissão [...] o professor tem de estarem atentas quatro horas, não tem tempo de sentar, fala muito praticamente o tempo inteiro. [D19]

Há muito desgaste físico e mental. A função é trabalhosa, demanda tempo para elaboração das aulas, o que é dificultoso, porque, os professores, em muitos casos, estão em outras escolas para melhorar a questão financeira e acabam por, de certa forma, "enfraquecer" a disposição para a turma de alfabetização, preferindo escolher turmas já alfabetizadas.

Assim, muitos evitam atuar nas classes de alfabetização, por entenderem que é um processo cansativo, difícil, trabalhoso e, muitas vezes, demorado. Segundo os professores, o trabalho é redobrado, portanto, exige muita responsabilidade. Outro motivo pelo qual eles não querem trabalhar nessas turmas: *porque se os resultados não forem bons, muitos acham que a culpa é do professor*. Diante destas exigências, "desenvolvem uma *crise de identidade* e vêem crescer sua insatisfação com trabalho." (Almeida, 2004: p.111).

Em face da crise de identidade e diante dos problemas que sinalizam para um possível fracasso em seu trabalho com as crianças, reconhecem suas limitações. Diante da ameaça de não serem bem sucedidos e, levando em conta que os professores são, na maioria das vezes, acusados de serem os únicos responsáveis pelo fracasso escolar, aparece o sentimento de impotência em seu comportamento. Nesse caso, em pouco tempo desenvolvem a síndrome de *Burnout*, ou seja, a perda do entusiasmo para ensinar. (CODO, 2004). Essa síndrome se instala entre dos professores devido às péssimas condições de trabalho, falta de valorização profissional e falta de apoio de profissionais especializados que os ajudem a compreender a complexa tarefa de aprender a ensinar. É por isso que os professores alfabetizadores sentem a necessidade de profissionais de outras áreas do conhecimento para ajudá-los.

A AUSÊNCIA DE PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS DE OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO.

A assistência e apoio de especialistas de outras áreas do conhecimento, e até mesmo dos profissionais que atuam fora da sala de aula na escola, é uma reivindicação dos professores que exercem a docência em turmas de alfabetização.

Muitos cursos de formação de professores discutem, de forma superficial, as questões referentes à área da psicologia, sociologia, fonoaudiologia, lingüística, psicolingüística, que envolvem o processo de aprendizagem das crianças em classes de alfabetização. As crianças são entregues aos professores, e eles têm que buscar sozinhos os caminhos para dar conta de todas as situações.

Além disso, no dia-a-dia de organização do trabalho e gestão de sala de aula, as demandas dos alunos não são compartilhadas e assumidas por outros profissionais que trabalham na escola: diretores, alguns supervisores, eventuais. A fragmentação do trabalho escolar concorre para que esses profissionais não tenham uma visão de conjunto e não entendam que os resultados da qualidade do ensino são responsabilidade de todos e não apenas do professor isolado, no espaço de sala de aula, com seus alunos.

Daí decorre também como o espaço institucional escolar tem que ser revisto e reorganizado para que esse ensino ocorra. Não é a pessoa do professor, individualmente, que nos interessa, mas a problemática que caracteriza nossa atividade, que é coletiva e ocorre em espaços institucionais. (PIMENTA, 2002: p. 19).

É por isso que os professores usam o desabafo como forma de aliviar os desafios que enfrentam para lidar com questões problemáticas ligadas a produção do conhecimento de outras áreas das ciências da educação. Frequentemente são exigidos destes professores que eles assumam vários papéis: psicólogo, assistente social, mãe, professora, agente de saúde.

Despreparo para lidar com os alunos especiais e o professor tem que se virar sozinho para alfabetizar, tendo que ser além de professor educador psicólogo, psiquiatra [...] poderia ter mais empenho, ajuda e apoio. O professor teria que ter mais tempo disponível. [D 17]

Acho que as professoras evitam as classes de alfabetização por ser muito cobradas e pouco auxiliadas. Pode ser monitora em uma classe quando ainda era normalista

(2003) e acho que, se hoje tivéssemos uma monitora nos ajudando em sala de aula, seria um bom começo. [D 14]

São salas lotadas e heterogêneas, em nível de aprendizagem, alguns com baixo desenvolvimento; não têm ajuda de especialista [...] professor alfabetizador deveria trabalhar com auxílio de um psicopedagogo. [25]

Na visão dos professores, essa falta de apoio institucional, como tempo para estudar, falta de especialistas de outras áreas para ajudá-los nos conhecimentos específicos que envolvem a aprendizagem na sala de aula, são pontos determinantes e cruciais para que eles não resistam às pressões e cobranças por bons resultados; assim, evadem das turmas de alfabetização.

O agravante é que essas dificuldades apontadas vão se juntando as outras questões de outras naturezas: a política salarial, a valorização do professor e as condições de trabalho.

A FALTA DE UMA POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO SALARIAL DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES: o desencanto com a profissão.

Se as condições do espaço de sala de aula dos professores são perversas pela falta de apoio no que tange às atividades do ensino, o que dizer da baixa remuneração e dupla jornada de trabalho, na medida em que “os baixíssimos salários e as condições em que se exerce a atividade docente são responsáveis por esse mal-estar docente” (ALMEIDA, 2004: p.110)? Podemos dizer que essa pauperização do trabalho docente, aliada à falta de prestígio, é mais uma variável nesse processo de abandono. Os depoimentos abaixo ilustram a visão dos docentes, quando o assunto é salário.

Em minha opinião, as maiorias dos professores não gostam de trabalhar com alfabetização, porque requer muito empenho e mais tempo para planejamento, muitos deles têm dupla jornada pouca remuneração. [D 11]

Porque exige muita dedicação, tempo, devido à elaboração de atividade e o professor tem que dobrar para aumentar às

vezes, é por insatisfação, salário digno, grande número de alunos em sala, falta de assistência familiar. [D 13]

Levando em conta a dupla jornada de trabalho, conjugada com as exigências de uma dedicação especial pelos alfabetizadores, não há como não desenvolver um sentimento de insatisfação no professorado. Por isso, na primeira oportunidade que eles têm, *migram*. Nesse sentido, as crianças ficam entregues aos professores iniciantes que terão a dura tarefa de aprender a tentar alfabetizá-las. Na verdade, o nível de exigência das classes de alfabetização é transferido para os professores iniciantes, sem que diretores ou especialistas de ensino tomem alguma posição. Podemos perceber como é recorrente o discurso de que a falta de uma política pública voltada para a valorização dos professores alfabetizadores desestimula a sua permanência nessa fase do ensino. Sendo assim, para dobrar turno e aumentar a renda familiar, é preciso escolher turmas alfabetizadas para dar conta do trabalho (para outras séries de ensino em que as crianças não lhes exigem tanto esforço e o seu trabalho permite certo descanso).

O que pensar do processo de migração dos professores mais experientes das classes de alfabetização para outras séries do ensino? Quais as repercussões para o processo de aprendizagem das crianças nas séries iniciais, considerando que essa é a realidade nas escolas municipais de Pirapora-MG? Quais as implicações desta *fuga e abandono* dos professores mais experientes em seu desenvolvimento profissional e pessoal? O que esperar desses profissionais que preparam uma retirada estratégica e silenciosa de cena, deixando aos professores novatos a dura tarefa de ensinar as crianças no processo de alfabetização?

Diante disso, a crise sofrida pelos professores durante um longo percurso na profissão docente começa a dar sinais de perda de esperança. Instala-se em seu comportamento uma atitude de indiferença a qualquer inovação educacional. Desenvolve-se também, um ceticismo pedagógico e nenhuma proposta vinda do órgão oficial [Secretaria de Educação] é capaz de sensibilizá-los e fazê-los alterar sua rotina. De acordo com os professores, eles chegaram a seu *limite*, e o desinvestimento na profissão é uma consequência certa. O cansaço e a sobrecarga de trabalho vão minando suas forças físicas e emocionais.

Pelos depoimentos dos professores, percebemos que eles evitam as turmas iniciais porque também estão cansados, devido ao tempo de serviço e ao fato de exercer dupla jornada de trabalho. Segundo eles, alfabetizar requer *dedicação, paciência e disponibilidade* para preparar atividades.

Acho que os professores evitam a sala de alfabetização porque acham que é mais cansativo que já está aposentando e cansada. É o que escuto em reuniões com os colegas. [D 30]

Hubermam (1995) comenta que, de um modo geral, as pessoas vão-se libertando paulatinamente de seu investimento no trabalho para se dedicarem a sua vida pessoal. É o período da serenidade em que se inicia um desinvestimento no plano pessoal e institucional em função de seus interesses iniciais na profissão. Neste sentido, esperar a aposentadoria é o único desejo manifesto do professor. Quais as conseqüências para a qualidade do ensino, considerando que a faixa etária e o tempo de serviço afeta sobremaneira o desempenho destes profissionais no espaço de sala de aula?

DOS DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS NA ALFABETIZAÇÃO.

Este é outro problema e um desafio para os professores e pesquisadores do tema e educadores de maneira geral que se preocupam com a qualidade do ensino público. Que características devem ter os professores que atuam em classes de alfabetização? Os cursos de formação de professores têm dado conta de preparar a contento professores para as classes de alfabetização? Quem deve/pode atuar em classes de alfabetização, considerando o nível de exigências nacionais e internacionais?

Segundo Pimenta (2002: p. 15), todas essas questões deixam claro, mais uma vez, que não é qualquer um que pode ser professor [...] a formação do professor é algo muito sério. Requer investimento pessoal, institucional, público, político e social.

Nessa direção, mas com outras palavras, os professores da rede municipal de ensino confirmam o comentário acima, quando alegam que: [...] *alfabetizar é difícil, e todo alfabetizador é professor, mas nem todo professor é alfabetizador.*

Eles têm consciência das dificuldades e desafios que envolvem o processo de alfabetização nas séries iniciais e acrescentam:

Sinto que os professores não gostam de alfabetizar, porque têm que se doar por inteiro. É uma responsabilidade muito grande, têm mesmo que planejar, procurar caminhos, buscar a causa que os alunos não estão aprendendo e isso é um desafio. [D5]

Alguns professores não gostam de trabalhar como alfabetizadores, porque realmente o professor tem que estar sempre mudando a metodologia de ensino, para que os alunos aprendam. [D7]

Na verdade, procurar novos *caminhos metodológicos* para que as crianças aprendam se constitui, também, em mais um obstáculo para que os professores não queiram enfrentar os desafios da alfabetização. Por outro lado, ter que desvendar os motivos pelos quais essas crianças não aprendem se torna ainda mais difícil, uma vez que não contam com a ajuda de profissionais especializados na escola em questões complexas que envolvem a natureza da aprendizagem.

Alfabetização é difícil tem que gostar e dedicar mesmo e também conhecer o conteúdo, para não queimar etapas. Ex. tem professor que dá muitas coisas na educação infantil, e esquece o lúdico, as brincadeiras, jogos, a criança cansa e quando chega ao fundamental não interessa. Acredito ser por causa da dificuldade em lidar com a questão do como se constrói o conhecimento e o trabalho que é sempre minucioso, didático e cansativo, com salas sempre lotadas. [D 15]

Podemos dizer que, quando o professor afirma que é necessário o domínio do conteúdo para não *queimar etapas* no aprendizado das crianças, ele aponta a necessidade de que os profissionais ligados ao processo de alfabetização estudem e conheçam as teorias epistemológicas que embasam a construção do conhecimento pelas crianças. No entanto, face à falta de valorização profissional e apoio, os professores não se sentem disponíveis para encarar a alfabetização, uma vez que, na visão deles, *isso exige bastante estudo, para melhorar as suas técnicas de aprendizagem.*

Outro aspecto polêmico e controverso, mas destacado pelos próprios professores, é escolher profissionais que tenham *perfil* para trabalharem nas classes de alfabetização.

Às vezes ou talvez essa dificuldade seja pelo fato de alguns professores, não terem jeito de lidar com crianças (menores) pequenas, porque para alfabetizar eu penso que este professor tem que ter um perfil. Uma experiência, um método de ensinar. [D20]

Realmente, estudos e pesquisas apontam que, no processo de alfabetização, não é qualquer profissional que deve atuar, porém, ainda não damos conta de dizer quem deve atuar e quais são as características que devam ter estes professores que irão trabalhar no processo de alfabetização. O que fazer, quando sabemos que a formação de professores que poderia amenizar e dar conta desta preparação, vem sendo desqualificada pelas políticas públicas de *aligeiramento* e certificação docentes?

É por isso que os professores também ficam vulneráveis aos modismos pedagógicos que aterrissam no chão da sala de aula. Diante do bombardeio de informações a respeito do que podem ou não usar na sala de aula no processo de alfabetização, sentem-se perdidos, pois *não têm um roteiro a seguir, estão sempre em constantes mudanças para adaptar aos diferentes tipos de alunos*. Silva (1998) na sua dissertação de mestrado "*Fui dormir tradicional e acordei construtivista*" realizada na rede municipal de ensino de Pirapora-MG, já apontava as repercussões negativas destas *inovações educacionais* na prática dos professores e, conseqüentemente, na aprendizagem das crianças no processo de alfabetização.

Considerações provisórias

Os resultados desta pesquisa destacam um conjunto de fatores estruturais na rede que concorrem para que os professores mais experientes abandonem as classes de alfabetização. Sinalizam também que são os professores iniciantes e sem experiências que vão assumir o processo de alfabetização, apresentando indícios da origem do fracasso escolar nesta fase do ensino.

Apontam também que a discussão do fracasso na alfabetização não passa somente pela questão dos métodos, formação de professores amplamente divulgados na mídia e programas de governo. Advertem que a alfabetização é questão de política pública, e que, se não houver do gestor municipal uma continuidade nas ações e na valorização profissional para que os professores queiram atuar no processo de

alfabetização, no futuro os resultados serão drásticos para a qualidade do ensino na rede municipal de Pirapora-MG.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel. O trabalho dos educadores. In: PIMENTA, Selma Guarrido. **De professores, pesquisa e didática**. Campinas: Papyrus, 2002.

CODO, VANDERLEI, (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HUBERMAM, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa António (coord.) **Vidas de professores**. 2. ed. Porto. Porto Editora, 1995.

PIMENTA, Selma Guarrido. **De professores, pesquisa e didática**. Campinas: Papyrus, 2002.

SILVA, Márcio Antônio. **Fui dormir tradicional e acordei construtivista**. 84 f. Dissertação [mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 1998.

A evasão dos professores das classes de alfabetização nas escolas municipais de Pirapora-MG: uma análise.

Iniciamos este texto trazendo algumas reflexões críticas sobre a evasão dos professores das classes de alfabetização de crianças do ensino básico, da rede municipal de ensino de Pirapora-MG. Levando em conta que os resultados do Sistema de Avaliação Educação Básica [SAEB], bem como do Sistema Mineiro de Avaliação do Ensino [SIMAVE], têm preocupado pesquisadores, professores e pais de alunos, revigorando as discussões acerca dos métodos de alfabetização, o nosso objetivo é refletir sobre a evasão de professores das turmas de alfabetização.

Com este propósito, foi realizada uma pesquisa de opinião com 60 professores de cinco escolas da rede municipal de ensino de Pirapora-MG. Solicitou-se que eles manifestassem, por escrito, os motivos pelos quais os professores, de um modo geral evitam atuar em classes de alfabetização. Para melhor viabilizar a análise e reflexão sobre o tema, as respostas foram organizadas em quatro categorias, a saber: o desgaste emocional e avaliação; a falta de apoio de profissionais especializados de outras áreas do conhecimento; a falta de uma política pública salarial valorização de profissional e a expectativa da aposentadoria. Os extratos dos textos produzidos pelos professores são identificados no texto como depoimento [D] seguido da seqüência numérica 1, 2 [...] até 60. No entanto, apenas alguns depoimentos foram selecionados, para fins de discussão e análise nesse estudo.

Como ponto de partida, fizemos alguns questionamentos iniciais:

De um modo geral, por que os professores que já trabalharam no processo de alfabetização inicial e que poderiam contribuir com o conhecimento adquirido nessa fase de ensino abandonam e evitam atuar nas classes de alfabetização? Quais as repercussões para o aprendizado das crianças no processo inicial de alfabetização, tendo em vista a falta de uma política pública salarial de valorização do professor?

Nesta linha de pensamento, analisaremos as quatro categorias, que, na visão dos envolvidos, constituem aspectos responsáveis pela evasão dos professores de turmas de

alfabetização, e quiçá alguns dos determinantes dos problemas de aprendizagem das crianças nas séries iniciais de alfabetização.

O DESGASTE FÍSICO E EMOCIONAL DO PROFESSOR: dos lamentos e queixas ao silêncio.

A alfabetização de crianças, como um processo complexo e que requer *exclusividade* dos professores, pode acarretar, para esses profissionais, o surgimento de problemas emocionais. A cobrança e exigência por resultados no que dizem respeito à aprendizagem das crianças, as pressões do sistema, dos pais e dos seus pares desenvolvem um elevado nível de tensão, e medo e a insegurança começam a afetar o lado emocional do professor. Assim, com o exaustivo, exaustivo trabalho nas classes de alfabetização, é impossível que professores não desenvolvam *stress*.

A alfabetização é desgastante, pois requer do professor disponibilidade, dedicação, compromisso, amor à profissão [...] o professor tem de estarem atentas quatro horas, não tem tempo de sentar, fala muito praticamente o tempo inteiro. [D19]

Há muito desgaste físico e mental. A função é trabalhosa, demanda tempo para elaboração das aulas, o que é dificultoso, porque, os professores, em muitos casos, estão em outras escolas para melhorar a questão financeira e acabam por, de certa forma, “enfraquecer” a disposição para a turma de alfabetização, preferindo escolher turmas já alfabetizadas.

Assim, muitas evitam atuar nas classes de alfabetização, por entenderem que é um processo cansativo, difícil, trabalhoso e, muitas vezes, demorado. Segundo os professores, o trabalho é redobrado, portanto, exige muita responsabilidade. Outro motivo pelo qual eles não querem trabalhar nessas turmas *porque se os resultados não forem bons, muitos acham que a culpa é do professor*. Diante destas exigências, “desenvolvem uma *crise de identidade* e vêm crescer sua insatisfação com trabalho. [Almeida, 2004, p.111]”.

Em face da crise de identidade e diante dos problemas que sinalizam para um possível fracasso em seu trabalho com as crianças, reconhecem suas limitações. Diante da

ameaça de não serem bem sucedidos e, levando conta que os professores são, na maioria das vezes, acusados de serem os únicos responsáveis pelo fracasso escolar, aparece o sentimento de impotência em seu comportamento. Nesse caso, em pouco tempo desenvolvem a síndrome de *Burnout*, ou seja, a perda do entusiasmo para ensinar. [CODO, 2004]. Essa síndrome se instala entre dos professores devido às péssimas condições de trabalho, falta de valorização profissional e falta de apoio de profissionais especializados que os ajudem a compreender a complexa tarefa de aprender a ensinar. É por isso que os professores alfabetizadores sentem a necessidade de profissionais de outras áreas do conhecimento para ajudá-los.

A AUSÊNCIA DE PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS DE OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO.

A assistência e apoio de especialistas de outras áreas do conhecimento, e até mesmo dos profissionais que atuam fora da sala de aula na escola, é uma reivindicação dos professores que exercem a docência em turmas de alfabetização.

Muitos cursos de formação de professores discutem, de forma superficial, as questões referentes à área da psicologia, sociologia, fonoaudiologia, lingüística, psicolingüística, que envolvem o processo de aprendizagem das crianças em classes de alfabetização. As crianças são entregues aos professores, e eles têm que buscar sozinhos os caminhos para dar conta de todas as situações.

Além disso, no dia a dia e organização do trabalho e gestão de sala de aula, as demandas dos alunos não são compartilhadas e assumidas por outros profissionais que trabalham na escola: diretores, alguns supervisores, eventuais. A fragmentação do trabalho escolar concorre para que esses profissionais não tenham uma visão de conjunto e não entendam que os resultados da qualidade do ensino são responsabilidade de todos e não apenas do professor isolado, no espaço de sala de aula, com seus alunos.

Daí decorre também como o espaço institucional escolar tem que ser revisto e reorganizado para que esse ensino ocorra. Não é a pessoa do professor, individualmente, que nos interessa, mas a problemática que caracteriza nossa atividade, que é coletiva e ocorre em espaços institucionais. [PIMENTA, 2002, p.19].

É por isso que os professores usam o desabafo como forma de aliviar os desafios que enfrentam para lidar com questões problemáticas ligadas a produção do conhecimento de outras áreas das ciências da educação. Frequentemente são exigidos destes professores que eles assumam vários papéis: psicólogo, assistente social, mãe, professora, agente de saúde.

Despreparo para lidar com os alunos especiais e o professor tem que se virar sozinho para alfabetizar, tendo que ser além de professor educador psicólogo, psiquiatra [...] poderia ter mais empenho, ajuda e apoio. O professor teria que ter mais tempo disponível. [D 17]

Acho que as professoras evitam as classes de alfabetização por ser muito cobradas e pouco auxiliadas. Pude ser monitora em uma classe quando ainda era normalista (2003) e acho que, se hoje tivéssemos uma monitora nos ajudando em sala de aula, seria um bom começo. [D 14]

São salas lotadas e heterogêneas, em nível de aprendizagem, alguns com baixo desenvolvimento; não têm ajuda de especialista [...] professor alfabetizador deveria trabalhar com auxílio de um psicopedagogo. [25]

Na visão dos professores, essa falta de apoio institucional, como tempo para estudar, especialista de outras áreas para ajudá-las nos conhecimentos específicos que envolvem a aprendizagem na sala de aula, é um dos pontos determinantes e cruciais para que eles não resistam às pressões e cobranças por bons resultados; assim, evadem das turmas de alfabetização.

O agravante é que essas dificuldades apontadas vão se juntando as outras questões de outras naturezas: a política salarial, a valorização do professor e as condições de trabalho.

A FALTA DE UMA POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO SALARIAL DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES: o desencanto com a profissão.

Se as condições do espaço de sala de aula dos professores são perversas pela falta de apoio no que tange às atividades do ensino, o que dizer da baixa remuneração e dupla jornada de trabalho, na medida em que “os baixíssimos salários e as condições em que se exerce a atividade docente são responsáveis por esse mal-estar docente”. [ALMEIDA, 2004, p.110]. Podemos dizer que essa pauperização do trabalho docente, aliada à falta de prestígio, é mais uma variável nesse processo de abandono. Os depoimentos abaixo ilustram a visão dos docentes, quando o assunto é salário.

Em minha opinião, as maiorias dos professores não gostam de trabalhar com alfabetização, porque requer muito empenho e mais tempo para planejamento, muitos deles têm dupla jornada pouca remuneração. [D 11]

Porque exige muita dedicação, tempo, devido à elaboração de atividade e o professor tem que dobrar para aumentar às vezes, é por insatisfação, salário digno, grande número de alunos em sala, falta de assistência familiar. [D 13]

Levando em conta a dupla jornada de trabalho, conjugada com as exigências de uma dedicação especial pelos alfabetizadores, não há como não desenvolver um sentimento de insatisfação no professorado. Por isso, na primeira oportunidade que eles têm, *migram* para outras séries de ensino em que as crianças não lhes exigem tanto esforço e o seu trabalho permite certo *descanso*. Nesse sentido, as crianças ficam entregues aos professores iniciantes que terão a dura tarefa de aprender a tentar alfabetizá-las. Na verdade, o nível de exigência das classes de alfabetização é transferido para os professores iniciantes, sem que diretores ou especialistas de ensino tomem alguma posição. Podemos perceber como é recorrente o discurso de que a falta de uma política pública voltada para a valorização dos professores alfabetizadores desestimula a sua permanência nessa fase do ensino. Sendo assim, para dobrar turno e aumentar a renda familiar, é preciso escolher turmas alfabetizadas para dar conta do trabalho.

O que pensar do processo de migração dos professores mais experientes das classes de alfabetização para outras séries do ensino? Quais as repercussões para o processo de aprendizagem das crianças nas séries iniciais, considerando que essa é realidade nas escolas municipais de Pirapora-MG? Quais as implicações desta *fuga e abandono* dos professores mais experientes em seu desenvolvimento profissional e pessoal? O que esperar desses profissionais que preparam uma retirada estratégica e silenciosa de cena, deixando aos professores novatos a dura tarefa de ensinar as crianças no processo de alfabetização?

Diante disso, a crise sofrida pelos professores durante um longo percurso na profissão docente começa a dar sinais de perda de esperança. Instala - se em seu comportamento uma atitude de indiferença a qualquer inovação educacional. Desenvolve-se também, um ceticismo pedagógico e nenhuma proposta vinda do órgão oficial [Secretaria de Educação] é capaz de sensibilizá-los e fazê-los alterar sua rotina. De acordo com os

professores, eles chegaram a seu *limite*, e o desinvestimento na profissão é uma consequência certa. O cansaço e a sobrecarga de trabalho vão minando suas forças físicas e emocionais.

Pelos depoimentos dos professores, percebemos que eles evitam as turmas iniciais porque também estão cansados, devido ao tempo de serviço e ao fato de exercer dupla jornada de trabalho. Segundo eles, alfabetizar requer *dedicação*, *paciência* e *disponibilidade* para preparar atividades.

Acho que os professores evitam a sala de alfabetização porque acham que é mais cansativo que já está aposentando e cansada. É o que escuto em reuniões com os colegas. [D 30]

Huberman (1995) comenta que, de um modo geral, as pessoas vão-se libertando paulatinamente de seu investimento no trabalho para se dedicarem a sua vida pessoal. É o período da serenidade em que ele inicia um desinvestimento no plano pessoal e institucional em função de seus interesses iniciais na profissão. Neste sentido, esperar aposentadoria é o único desejo manifesto do professor. Quais as consequências para a qualidade do ensino, considerando que a faixa etária e o tempo de serviço afeta sobremaneira o desempenho destes profissionais no espaço de sala de aula?

DOS DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS NA ALFABETIZAÇÃO.

Este é outro problema e um desafio para os professores, pesquisadores do tema e educadores de maneira geral que se preocupam com a qualidade do ensino público. Que características devem ter os professores que atuam em classes de alfabetização? Os cursos de formação de professores têm dado conta de preparar a contento professores para as classes de alfabetização? Quem deve/pode atuar em classes de alfabetização, considerando o nível de exigências nacionais e internacionais?

Segundo Pimenta [2002, p. 15], todas essas questões deixam claro, mais uma vez, que não é qualquer um que pode ser professor [...] a formação do professor é algo muito sério. Requer investimento pessoal, institucional, público, político e social.

Nessa direção, mas com outras palavras, os professores da rede municipal de ensino confirmam o comentário acima, quando alegam que: [...] *alfabetizar é difícil, e todo alfabetizador é professor, mas nem todo professor é alfabetizador*. Eles têm consciência das dificuldades e desafios que envolvem o processo de alfabetização nas séries iniciais e acrescentam:

Sinto que os professores não gostam de alfabetizar, porque têm que se doar por inteiro. É uma responsabilidade muito grande, têm mesmo que planejar, procurar caminhos, buscar a causa que os alunos não estão aprendendo e isso é um desafio. [D5]

Alguns professores não gostam de trabalhar como alfabetizadores, porque realmente o professor tem que estar sempre mudando a metodologia de ensino, para que os alunos aprendam. [D7]

Na verdade, procurar novos *caminhos metodológicos* para que as crianças aprendam se constitui também, em mais um obstáculo para que os professores não queiram enfrentar os desafios da alfabetização. Por outro lado, ter que desvendar os motivos pelos quais essas crianças não aprendem se torna ainda mais difícil, uma vez que ele não conta com a ajuda de profissionais especializados na escola em questões complexas que envolvem a natureza da aprendizagem.

Alfabetização é difícil tem que gostar e dedicar mesmo e também conhecer o conteúdo, para não queimar etapas. Ex. tem professor que dá muitas coisas na educação infantil, e esquece o lúdico, as brincadeiras, jogos, a criança cansa e quando chega ao fundamental não interessa. Acredito ser por causa da dificuldade em lidar com a questão do como se constrói o conhecimento e o trabalho que é sempre minucioso, didático e cansativo, com salas sempre lotadas. [D 15]

Podemos dizer que, quando o professor afirma que é necessário o domínio do conteúdo para não *queimar etapas* no aprendizado das crianças, ele aponta a necessidade de que os profissionais ligados ao processo de alfabetização estudem e conheçam as teorias epistemológicas que embasam a construção do conhecimento pelas crianças. No entanto, face à falta de valorização profissional e apoio, os professores não se sentem disponíveis para encarar a alfabetização, uma vez que, na visão dos professores, *isso exige bastante estudo, para melhorar as suas técnicas de aprendizagem*.

Outro aspecto polêmico e controverso, mas destacado pelos próprios professores, é escolher profissionais que tenham *perfil* para trabalharem nas classes de alfabetização.

Às vezes ou talvez essa dificuldade seja pelo fato de alguns professores, não terem jeito de lidar com crianças (menores) pequenas, porque para alfabetizar eu penso que este professor tem que ter um perfil. Uma experiência, um método de ensinar. [D20]

Realmente, estudos e pesquisas apontam que, no processo de alfabetização, não é qualquer profissional que deve atuar, porém, ainda não damos conta de dizer quem deve atuar e quais são as características que devam ter estes professores que irão trabalhar no processo de alfabetização. O que fazer, quando sabemos que a formação de professores que poderia amenizar e dar conta desta preparação, vem sendo desqualificada pelas políticas públicas de aligeiramento e certificação docente?

É por isso que os professores também ficam vulneráveis aos modismos pedagógicos que aterrissam no chão da sala de aula. Diante do bombardeio de informações a respeito do que pode ou não usar na sala de aula no processo de alfabetização, sentem se perdidos, pois *eles não têm um roteiro a seguir, estão sempre em constantes mudanças para adaptar aos diferentes tipos de alunos*. Silva (1998) na sua dissertação de mestrado *Fui dormir tradicional e acordei construtivista* realizada na rede municipal de ensino de Pirapora-MG, já apontava as repercussões negativas destas *inovações educacionais* na prática dos professores e, conseqüentemente, na aprendizagem das crianças no processo de alfabetização.

Considerações provisórias

Os resultados desta pesquisa destacam um conjunto de fatores estruturais na rede que concorrem para que os professores mais experientes abandonem as classes de alfabetização. Sinalizam também que são os professores iniciantes e sem experiências que vão assumir o processo de alfabetização, apresentando indícios da origem do fracasso escolar nesta fase do ensino. Aponta também que a discussão do fracasso na alfabetização não passa somente pela questão dos métodos, formação de professores amplamente divulgados na mídia e programas de governo. Adverte que a alfabetização é questão de política pública, e que, não houver do gestor municipal uma continuidade nas ações e valorização profissional para que os professores queiram atuar no processo de alfabetização, no futuro os resultados serão drásticos para a qualidade do ensino na rede municipal de Pirapora-MG.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel. O trabalho dos educadores. in: PIMENTA, Selma Guarrido,.**De professores, pesquisa e didática**.Campinas: Papyrus, 2002.

CODO, VANDERLEI, (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HUBERMAM, Michael. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: Nóvoa Antônio (coord.) Vidas de professores. 2. ed. Porto. Porto Editora 1995.

PIMENTA, Selma Guarrido. **De professores, pesquisa e didática**. Campinas: Papyrus, 2002.

SILVA, Márcio Antônio. **Fui dormir tradicional e acordei construtivista**. 84 f. dissertação [mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 1998.